

Gentes de cá e de lá: A migração para Mato Grosso

GOETTERT, J. D. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso*. Dourados, MS. Editora da UFGD, 2008. 488 p.

Gilson Backes*

A obra de Jones Dari Goettert propõe um estudo da migração de gaúchos e gaúchas para Rondonópolis, Mato Grosso. Ele busca compreender, a partir de um olhar geográfico, de quem *partiu* e de quem *ficou* a transitoriedade migratória e a construção de uma memória por parte das “gentes do trabalho de lá e de cá”. A publicação é fruto de sua tese de doutorado em geografia, defendida na UNESP, e seu desafio resume-se em *compreender* os lugares numa diferença de duplo contraditório de “idas e vindas” das gaúchas trabalhadoras e gaúchos trabalhadores que, entre 1960 e 2004, migraram do noroeste do Rio Grande do Sul e oeste do Paraná para bairros periféricos de Rondonópolis. Em seus trabalhos, Jones tem se debruçado em compreender os processos migratórios e as representações dadas pelos sujeitos em sua transitoriedade, quando buscam melhores condições de existência.

Do lugar chegado e do lugar deixado, em *O Espaço e o Vento*, Jones Dari Goettert acompanha através de narrativas multilíneas e, por vezes, emotivas ou fragmentadas um movimento temporal e espacial no *fazer-se* daqueles que partiram e no *fazer-se* daqueles que ficaram. Dialogando com e na perspectiva do historiador inglês Edward P. Thompson,¹ Jones aborda o *fazer*, *refazer* e *desfazer* das mulheres e homens migrantes e seus familiares num processo de mudança e construção de sujeitos dos jeitos dos lugares deixados e nos lugares chegados. A transitoriedade migratória tornou-se um conceito central na obra de Jones, a qual é trabalhada de forma criativa a partir das falas das mulheres e homens, trabalhadoras e trabalhadores, que se colocaram em *trânsito* ou deslocamento procurando definir seus lugares no tempo e no espaço. Estes sujeitos definem assim, “o novo lugar [que ocupam] como aquele que lhe *pertence*, ou mesmo o lugar de origem se o retorno vier a definir o ‘fim’ da *transitoriedade*” (p. 42).

Uma dimensão espacial e temporal está posta nas palavras daqueles que se colocam em *trânsito*. As situações e condições estruturais, conjunturais e/ou individuais da transitoriedade migratória, dos sujeitos que mudam de lugar “atuam em conjunto sobre quem migra e, articuladas, podem definir quem fica e quem vai” (p. 41). São *gentes do trabalho, de cá e de lá*, que participam da mobilidade capitalisticamente produzida

que transcendem todos os tipos de relações: de distâncias, ressentimentos, pertencimentos, estranhamentos. A mudança, assim, é apreendida pelos migrantes em suas relações antes mesmo de que se estabeleçam nos lugares de chegada. Na perspectiva das falas das migrantes e dos migrantes enquanto *experiência*,² o autor se coloca como observador desse movimento na *origem* e no *destino*. O migrante é visto como aquele que *foi* e ao mesmo tempo aquele que *permanece*. O ato de migrar coloca as trabalhadoras gaúchas e trabalhadores gaúchos na “fronteira entre lugares”. Eles “não são ‘de dentro’ e ‘nem de fora’: são ‘indivíduos fronteiriços’ que devem adaptar-se a um novo contexto, novas normas, sobre as quais pesam variadas limitações que repercutem na vida cotidiana” (p. 52).

Um passado feito memória. Pedacos de vida. Assim Jones Dari Goettert lida com a fala daqueles que atuaram como fontes para seu trabalho. Nomes fictícios tomados de empréstimo das personagens de “O tempo e o vento” de Erico Verissimo, mas narradores de histórias reais vividas tanto no sul como no Mato Grosso. Como o vento que sopra, as narrativas evidenciam representações sobre os lugares deixados e chegados: Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Paraná. Expectativas de vidas fragmentadas e dilaceradas pela saída e pela permanência. No movimento migratório de gaúchos e gaúchas para Rondonópolis, objetivo central na obra de Jones, busca-se uma “tentativa de conquistar e reatar uma memória dilacerada” (p. 60). Por intermédio das representações dos e nos lugares vividos, o autor se propôs ao desafio de “dar voz e vez a migrantes e familiares no sul [e no Mato Grosso] que ‘desfilam’ em seus lugares, muitas vezes, como autômatos, sedentos por um lugar que os torne *inteiros* e sem máculas de um passado e de um presente que ‘teima’ em considerá-los, quase sempre, ‘fora do lugar’” (p. 61).

“Comuns dos comuns”. Esta é a definição de Jones aos sujeitos de seu trabalho. São pessoas que lutam para sobreviver no lugar de origem e de destino; revelam e legitimam trajetórias, vivências e experiências das migrações e de seus lugares, sem se inscreverem como protagonistas de movimentos sociais. São mulheres e homens, trabalhadoras e trabalhadores, que através do modo de pensar, agir e migrar buscam melhores condições sociais. Estas gaúchas e gaúchos se fazem no

*Mestre em História – Linha de Pesquisa Prática Culturais e Identidades – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: gilsonb@mjmet.com.br

¹THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

²Jones D. Goettert aborda a experiência daqueles que lhe concederam as falas a partir da perspectiva de THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. Conforme Thompson as pessoas “experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas” (p. 189).

ladrilhar de pedaços de lugares, de jeitos e de sujeitos, “falam de suas vidas, de suas saídas e chegadas, dos tropeços e sucessos, dos trabalhos e da família – dos *de cá* e dos *de lá* – do sul e do Mato Grosso” (p. 75). No *fazer-se memoriar* os tempos idos e o futuro carregado de incertezas as migrantes e os migrantes falam de como era a vida no sul comparando com a vida em Mato Grosso. Os *de cá* e os *de lá*, expressam uma teia de sociabilidade: denunciando, muitas vezes, a exploração, dominação e a imposição, também a solidariedade, a resistência e o direito à mobilidade ou à permanência. Assim “o trânsito por entre os lugares do sul e do Mato Grosso não é vazio, mas carregado de tensões e de conflitos, por um lado, e de saudades, alegrias e esperanças, por outro” (p. 65).

No *fazer-se* pelas palavras, Jones explorou com certa habilidade as fontes orais. Mesmo que outras fontes tenham se apresentado de forma limitada, a bibliografia e as narrativas orais parecem suprir as necessidades da investigação proposta pelo pesquisador. Pautado na perspectiva de Alessandro Portelli, Jones Dari Goettert trabalhou com as narrativas numa reconstrução de experiências nos lugares da migração, apresentando-as no seu “contexto histórico”,³ narrando-se a luta contra o esquecimento. É no ato da palavra, segundo o autor, que as trabalhadoras e trabalhadores se fazem sujeito migrantes. “É *fazer-se* e *mostrar-se* migrante; *fazer-se* e *mostrar-se* família distante. Na tensão e na saudade. Na *presença* e na *ausência*” (p. 79). E no *fazer-se* do trabalho, Jones dividiu-o em oito capítulos. Nos quatro primeiros capítulos, o autor trabalhou com a fala das pessoas que vivem na periferia de Mato Grosso e, nos quatro últimos capítulos, com pessoas que vivem no sul, o lugar deixado para alguns e de permanência para outros.

Para quem decidiu pela migração, o Mato Grosso é visto como um lugar de futuro, com perspectivas de trabalho, pois é um lugar que não está *tão explorado* ainda como o sul. A decisão de sair do sul coloca-se como resposta à situação difícil vivida pelos migrantes, de viver num lugar *explorado*, em que não há trabalho. Ali *sopra* o vento e leva os trabalhadores a outras paragens. Sonhos e melhores condições de vida se colocam a estas gaúchas e a estes gaúchos ao conhecerem Mato Grosso. E as fronteiras entre um lugar e outro se colocam como uma “utopia” e marcam os limites entre o conhecido e o desconhecido. É preciso preparar-se. Se a situação no lugar de origem é difícil, a saída e o lugar de destino também se tornam difíceis: “Toda mudança é construída sobre expectativas que colocam o lugar de destino como melhor em relação ao lugar de origem” (p. 136). E é através do *fazer-se* pela fala que os migrantes desconstróem o lugar deixado e constroem o lugar chegado. São de expectativas positivas que são construídos os novos lugares. Mesmo que as situações

tornam-se muitas vezes difíceis, o retorno pode ser um caminho muito doloroso a ser trilhado. Este caminho sinaliza a derrota e a perda de obter melhores condições de vida no lugar de destino.

De um lugar de instabilidade e empobrecidos, as migrantes e os migrantes seguem o caminho em direção a lugares que apresentam perspectivas de estabilidade, crescimento e enriquecimento. O *fazer-se* sujeito no lugar chegado vem imbricado “principalmente do lugar social que ocupa nas relações tanto do lugar de origem como no lugar de destino” (p. 159). Segundo o autor, as *gentes de cá* e *de lá*, constroem expectativas sobre os lugares de futuro e o Mato Grosso coloca-se como um lugar de atração para quem decidiu pela transitoriedade. A positividade ou negatividade pela decisão de ter migrado vem carregado de uma representação a partir de uma memória construída no presente. As fazendas de produção agrícola que num primeiro momento surgiram como opção de trabalho no Mato Grosso e agora o trabalho na cidade de Rondonópolis acomodam certas explicações dos migrantes do sul que vivem na periferia. A mudança e o “acostumar-se” ao jeito do lugar revelam como os sujeitos interpretam os tempos idos. O “espaço e o vento”. O Mato Grosso revelou-se, assim, “parte de um *su-jeito* que se sujeita aos *jeitos* dos lugares” (p. 195), ao povo e seus jeitos de trabalhar, e ao clima quente que se contrapõem ao frio do sul.

A migração de um para outro lugar dá-se por situações diversas, seja pelo trabalho ou como surgiram nas narrativas por relações familiares – separação ou mesmo a união entre casais. Os *de lá* e os *de cá* que se colocam em mobilidade estão sempre num *refazer-se*, rompem com um lugar deixado e criam relações com o lugar chegado. Alguns daqueles que migraram, de acordo com o autor, depois de certo tempo estranham o lugar de origem. Este é representado como feio e o lugar de destino bonito. As relações com os lugares criam estas representações principalmente quando se tem um sentimento de pertencimento ao lugar.

Pertencer ou não a um lugar. A migração é apontada também como o “estilhaçamento” da família: “umas e uns pra cá; umas e uns pra lá” (p. 296). Assim a separação sempre foi inevitável. Enquanto uns permanecem no sul outros buscam melhores condições no Mato Grosso. No entanto, o núcleo familiar muitas vezes desaparece e as histórias de vida se fazem por “pedaços de trajetórias que vão se *fiando* na trama de lugares e de *gentes*” (p. 296).

Jones Dari Goettert, um migrante que falou de outros migrantes. Falou da mobilidade das *gentes* daqui para *lá* e de *lá* para *cá*. Mesmo colocando-se de fora das narrativas, sentiu-se parte delas, pois como mesmo

³PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História*. São Paulo, 1997, p. 33. Neste texto, o autor ressalta que a memória também forja mudanças no passado, revelando “o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar formas às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico”.

afirmou, também se fez migrante dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso. E as mudanças somente são possíveis pelo sentido dado por cada migrante em suas relações no novo lugar. Alguns migram e se dão bem, outros sentem a necessidade do retorno. “O Mato Grosso, para muitas e muitos, ainda apresenta-se como um importante e possível lugar de futuro” (p. 371). Expectativas construídas e desconstruídas sobre os lugares deixados e chegados ou mesmo quando se tem a visão de novos lugares. Cabe a cada uma ou a cada um, trabalhadora ou trabalhador, lançar novas luzes para um futuro melhor ou mais agradável, seja no lugar de origem ou de destino. O movimento do trabalho no tempo e no espaço na obra de Jones demonstrou que os sujeitos não são estáticos em um mesmo lugar e que a migração tornou-se uma possibilidade de “aventurar-se” por outras paragens. Assim as *gentes* e lugares são apresentados e representados através das narrativas e/ou experiências. Nas palavras de Jones: “*falas*, das migrantes e dos migrantes e dos familiares no sul, que ensejaram possibilidades de compreensão da complexidade que envolveu e envolve a mobilidade, que dificilmente seriam construídas por outras fontes” (p. 447). A transitoriedade, assim, marca os tempos idos de sujeitos que se inscrevem na produção e reprodução das dinâmicas sociais.

Contribuição recebida em: 02/03/09

Aprovada em: 03/07/09.